

TEXTUALIDADES INDÍGENAS

Maria Inês de Almeida (UFMG)

Uma experiência literária realizada no contexto da formação de professores indígenas é o que gostaria de relatar aqui, com o objetivo de fomentar uma discussão acerca da literatura brasileira, a ser ainda debatida em seus diversos matizes. Essa discussão aponta para uma possível abertura do campo literário, no sentido da inclusão, na literatura brasileira, de textos vindos de diferentes tradições formais.

Em 1995, começou no estado de Minas Gerais um movimento do governo estadual (em convênio com a UFMG, a FUNAI e o IEF) para implantar escolas nas aldeias indígenas, incluindo a formação de professores. Uma primeira turma de 66 professores recebeu diploma de magistério em 1999. O segundo curso de magistério, iniciado em 2000, já realizou seis módulos presenciais no Parque Estadual do Rio Doce e cinco etapas não-presenciais, ou seja, de práticas educacionais orientadas.

Uma dessas práticas constituiu-se em pesquisa denominada “Da voz à letra”, realizada como parte de um projeto da área de “Múltiplas linguagens”¹. O objetivo geral do projeto era o exercício literário, lingüístico e etnográfico dos professores indígenas, em que eles iam pensando sobre as tradições orais de seus respectivos povos, sobre as tradições orais e escritas de outros povos, e sobre as línguas e a literatura no Brasil.

A pesquisa consistiu num trabalho de 23 equipes de estudantes indígenas xacriabás² que, utilizando fitas magnéticas, registraram, nas suas respectivas aldeias, as vozes de pessoas reconhecidas pela comunidade como conhecedoras das tradições. Portanto, foram gravados relatos de experiências pessoais, fábulas, histórias das aldeias acontecidas antigamente ou recentemente, cantos diversos (de trabalho, de amor, religiosos – reisados, ou profanos – forrós).

A orientação aos pesquisadores foi no sentido de observar e registrar os diferentes modos de falar, os usos da língua, a sonoridade, a dimensão dos textos, a atitude dos ouvintes, a circunstância das falas, tudo o que, previamente, foi estudado no curso como parte da performance oral³. Além disso, como pesquisa etnográfica, deveriam observar também as habitações ou ambiente material em que se encontravam os narradores.

Em julho de 2001, os indígenas apresentaram às professoras orientadoras 20 fitas (em média 60 minutos cada), contendo os mais variados tipos de textos orais. Foi realizada então uma oficina para início do processamento do material gravado. Após uma introdução ao conceito de texto, reflexões sobre os processos de tradução e transcrição e sobre as relações entre oralidade e escrita, cada equipe escolheu um texto oral para transformar em texto escrito.

Os professores indígenas em formação, junto com professores formadores e monitores das áreas de Letras, Música, Artes Cênicas e Artes Plásticas (xilogravura), passaram a trabalhar na transcrição, digitação, revisão, ilustração e edição dos textos escolhidos, visando à produção de peças gráficas de diversos tipos (livrinhos, tablóides, cartazes, cartões) e peças teatrais, que eles já pudessem levar para leitura ou representação nas escolas de suas aldeias.

A partir desse processamento inicial da pesquisa, as fitas cassete foram copiadas em 14 CDs, que, transcritos integralmente, e como contribuição dos formandos em magistério para suas futuras escolas (onde eles já estagiam), foram doados aos professores em exercício, que resolveram confeccionar a partir deles um livro: a segunda

demonstração da literatura xacriabá chegaria ao público leitor brasileiro, após a publicação de *O tempo passa e a história fica*, em 1997.⁴

Ficou definido que esse novo material literário deveria sair com ilustrações em xilogravura, técnica em que os professores xacriabás estão se especializando, por uma série de fatores, inclusive por opção estética, uma vez que a forma literária mais praticada e conhecida entre eles se aproximaria da chamada literatura de cordel⁵.

Ao orientarmos o trabalho dos estudantes indígenas, tivemos a certeza de que eles vivem um momento de amadurecimento no trabalho com a linguagem. De um lado, as comunidades, nos constantes debates em torno dos objetivos da educação escolar, conseguiram definir a língua e o território como eixos programáticos fundamentais; de outro, a equipe de formadores, os professores em exercício (em formação continuada), e os alunos do magistério sentiram avançar suas reflexões sobre a estreita relação entre cultura e linguagem, sobre o lugar da escrita alfabética em nossa escola, sobre os variados movimentos históricos por que passam as línguas do mundo.

Todo esse trabalho dos últimos sete anos nos levou, enfim, a entender que, se existem sociedades periféricas, e se essas sociedades, no Brasil, foram excluídas da educação escolar, é porque suas vozes foram sistematicamente emudecidas em favorcimento de uma língua única, padronizada, idealizada pelo grupo dominante. Não importa em que língua ou dialeto os grupos marginalizados se expressem, suas falas serão sempre obstruídas pela surdez dos que são favorecidos pelo apagamento das diferenças.

A proposta desta pesquisa partiu de um princípio: o ensino das múltiplas linguagens como instrumentalização dos professores, tendo-se em vista a necessidade e a exigência das comunidades indígenas com relação à formação de quadros, intelectuais e profissionais, para ajudar os velhos a gerir suas aldeias, sobretudo para dialogar com o mundo envolvente.

Sabemos, no entanto, com Jacques Derrida, que a função de comunicação não esgota a essência da linguagem, que a língua apresenta a oportunidade de um jogo na vida social. Sua representação, como mais um bem simbólico, dentre outros possíveis, não quer exatamente comunicar, quer antes acrescentar mais uma peça no jogo da comunicação.

Podemos afirmar que existe um nível primeiro de presentificação dos textos, dos enunciados literários, que não precisam ser propriamente decifrados para ser interpretados ou lidos. Essa percepção, a princípio, já cria a possibilidade da edição de livros bilíngües, ou monolíngües em língua indígena, dirigidos disfarçada ou explicitamente ao público brasileiro em geral, que não conhece essas outras línguas.

Não se trata de trabalhar o objeto da linguagem enquanto objeto de conhecimento, trata-se da própria linguagem, enquanto complexo de atividades humanas. Mais uma linguagem não significa apenas uma forma de representar a mais; significa também a possibilidade de maior riqueza cultural. A comunicação não esgota a linguagem, porque é complexa e é parte do mundo social. A linguagem é uma forma de vida: valorizar uma linguagem significa prestar atenção a todo o conjunto da vida de um povo. Nesse sentido, editar literatura indígena se insere no conjunto das estratégias de uma concepção de saber plural e democrática. Além de promover a atenção aos diversos modos de fazer das diversas culturas, editar na língua dos indígenas significa dar-lhes espaço em uma das instâncias de decisão política e cultural: o mercado (especificadamente o editorial).

Com a língua indígena escrita em livros dirigidos ao público brasileiro, é todo um conjunto de visões de mundo que se insinua no grande circuito das trocas simbólicas, deixando-nos entrever toda riqueza presente nos modos de vida das comunidades periféricas. Observamos fenômeno análogo com o aumento do consumo de um outro gênero produzido por comunidades excluídas do universo literário: o *rap*. Assim como este traz todo o vivido da linguagem dos jovens das periferias dos centros urbanos, as literaturas indígenas portam aqueles modos de viver que são relegados ao esquecimento pela cultura capitalista hegemônica.

Esses textos, investidos de valor icônico, prefiguram a presença corporal de seus autores (e da mensagem) e demandam os sentidos, fisicamente falando, do leitor (destinatário). Uma nova aproximação intercultural é tentada e a assimilação, como produto do contato, pode ser equalizada. O desenvolvimento dos diferentes estilos talvez pudesse garantir a relação, ao invés da fagocitação de um corpo cultural por outro: as diversas formas literárias indígenas ajudam a combater a hegemonia da língua portuguesa em nossa literatura.

Nesse movimento de relação, cujo extremo negativo seria a assimilação total de umas formas por outras, temos gradações. A anulação é o movimento mais freqüente, como acontece normalmente com os textos orais em favor dos escritos, isto é, aos primeiros é impossível o reconhecimento pela não visibilidade fora do contexto de produção. As regras de circulação não abrangem suas formas. A assimilação é uma outra forma de se absorver, pelo mundo letrado (livros, jornais, anúncios, documentos), os traços da cultura oral e vice-versa, sendo que prevalece, nos jogos de poder, a força da palavra escrita. Desta forma, palavras, cantos, grafias, imagens indígenas estiveram desde sempre presentes, mas, paradoxalmente, apagadas, na vida brasileira, porque seus autores sempre foram excluídos dos círculos da produção da vida material brasileira. A relação, conforme propõem alguns⁶, seria uma garantia de que os textos orais e escritos, em diversas línguas, poderiam conviver nos mundos literário e artístico, nos espaços de consumo. Nesse caso, as linguagens indígenas, enquanto índices de suas existências corporais, seus produtos, enquanto ícones de um mundo em reconstrução, alcançam visibilidade, através de suas imagens sonoras e visuais.

Há, porém, os índios que, obrigados a calar suas línguas originárias, adotaram a língua portuguesa para continuarem a viver e se expressam nos diversos modos e tons que, como *bricoleurs*⁷, alargam esse idioma, como é o caso dos xacriabás. Os falares das 23 aldeias xacriabás são as formas lingüísticas que os indígenas encontraram em sua pesquisa de campo. Esse material bruto, que hoje está gravado e organizado em 14 CDs, constitui, antes de mais nada, rico manancial para os estudos de lingüística histórica e descritiva, língua portuguesa, filologia, literatura e didática.

De acordo com nosso planejamento⁸, a criação de vários produtos a partir da referida pesquisa está garantindo aos professores em exercício (em formação continuada) e aos formandos do magistério indígena um embasamento na área de linguagem, para que eles possam realmente produzir seus métodos, conteúdos e materiais didáticos diferenciados.

Sabemos que esta diferenciação está na maneira como cada povo se constitui e se representa através da linguagem, ou seja, como cada forma se coloca em diálogo com outras formas. Por isso, a importância do trabalho de escritura, em que cada indivíduo,

ainda que em nome de um povo, pode experimentar, arriscar ou rabiscar seu próprio traço – escrever sua própria voz.

Atividades como a leitura, a escrita e a edição, por parte dos professores em exercício, do material contido nos CDs, são exercícios práticos já iniciados, resultantes dos seis meses de pesquisa dos cursistas do magistério. Realizadas em oficinas do “laboratório intercultural”, oferecido aos estudantes/pesquisadores indígenas pelo Centro de Extensão da Faculdade de Letras da UFMG, tais atividades consistiram em importante etapa da experiência literária aqui descrita, cujo primeiro produto, já confeccionado, é um livro intitulado *Histórias de bichos falantes*, acompanhado de CD sonoro com as narrativas orais nele contidas. Um outro material produzido, publicado em 2005, pelo Grupo Transdisciplinar de Pesquisas Literaterras: escrita, leitura, traduções, da Faculdade de Letras da UFMG, é a caixa (contendo 4 livros e um CD sonoro) *Literatura Xacriabá*.

A primeira oficina, de audição e “leitura” do material gravado e transcrito em dialeto (português xacriabá), teve como objetivo a escuta e o aprendizado de métodos historiográficos a partir de fontes primárias e orais. A segunda oficina organizou, preparou e editou o livro (*História dos bichos falantes*) contendo as narrativas orais das aldeias xacriabás, visando ao aprendizado das técnicas de edição, mas, sobretudo, visando a uma escritura da linguagem xacriabá, ou seja, ao estabelecimento de códigos para a transposição para a linguagem escrita dos modos de falar do povo xacriabá, que os aproximariam de uma língua própria, já que sua língua indígena (da família akuen, grupo Jê) ficou perdida. Como se pode constatar pelas gravações de que dispomos, alguns velhos xacriabás ainda se lembram, mesmo que vagamente, dessa língua, porque muitos ainda a falaram quando crianças.

Mas o fato é que, nesse verdadeiro trabalho de arqueologia, os professores xacriabás estão, com suas investigações, reconstituindo literariamente aspectos de sua cultura Jê, reatando com isso a força primordial que os liga à terra onde vivem.

A terceira oficina, com a equipe que tem ensinado técnicas de xilogravura aos alunos do magistério indígena, consistiu na ilustração do livro organizado na oficina anterior. O aprendizado das artes plásticas e gráficas levará certamente a uma autonomia na produção de material literário para as escolas. A quarta oficina, realizada na Escola de Música, diz respeito especificamente à poesia oral, e realizou a edição em CD de algumas das narrativas contidas no livro já editado.

É necessário distinguir o código sonoro do verbal, na medida em que linguagem oral e sons pertencem a sistemas diferentes. No domínio da informação, a linguagem sonora é raramente o suporte primeiro. Mas, músicas e canções (aí linguagens orais e sonoras estão misturadas) servem freqüentemente de acompanhamento à linguagem verbal.

Para a elaboração da Caixa *Literatura Xacriabá*, realizamos algumas oficinas de transcrição e edição envolvendo alunos da UFMG e professores indígenas.⁹

O problema colocado ao ensino de literatura na universidade, pela demanda dos professores indígenas de serem por ela instrumentalizados para o ensino de literatura em suas escolas específicas e diferenciadas, muitas vezes bilíngües ou monolíngües em língua indígena (como é o caso dos maxakalis), é que a textualidade ficou renegada, quando se optou sempre, no espaço acadêmico, pelos modelos científicos. As análises estruturalistas, que muito contribuíram para colocar o mito indígena na ordem do dia de algumas disciplinas científicas, como a antropologia, pouco se sensibilizaram no sentido de contribuir para uma configuração da literatura indígena enquanto experiência estética.

A antropologia marxista, que ascendeu na vaga deixada por uma disciplina que descreve produtos sociais sem tocar no solo mundano da sociedade (explica o mito ignorando o rito), não soube escapar do etnocentrismo presente no próprio materialismo histórico, por não ter sido capaz de perceber a produção “improdutiva”, silenciosa para o mundo industrial, dos povos indígenas.

Caberia, portanto, à universidade brasileira uma busca desse caminho de legitimação das experiências poético-narrativas dos indígenas, no sentido de reconhecê-las literárias ao ponto de serem incorporadas pelos estudos de literatura brasileira.

¹ O 2º Curso de Magistério Indígena de Minas Gerais se organiza em três grandes áreas: Múltiplas linguagens, Estudos da Cultura e da Natureza e Pedagogia Indígena.

² Os índios xacriabás (cerca de 7.000) são habitantes de reserva indígena situada no município de São João das Missões (norte de Minas Gerais). Vivem em 23 aldeias espalhadas numa área de 54.000 hectares.

³ Cf. ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Maria Inês de Almeida e Maria Lúcia Porchat, e Jerusa Pires Ferreira (superv.). São Paulo: Hucitec, 1998.

⁴ Em 1997, foram publicados, como apoio do MEC, os livros de autoria coletiva dos índios xacriabás: *O tempo passa e a história fica* e *O livro xacriabá de plantas medicinais*.

⁵ Os xacriabás podem ser incluídos genericamente no grande grupo dos índios do nordeste brasileiro, cuja língua falada seria uma modalidade rural do português, com diferenças regionais, mas com muitas semelhanças sobretudo no que tange às heranças poéticas da península ibérica. Nesse grupo estariam, por exemplo, os pankararus, os kiriris, os potiguares, os tremembés, os aranãs, entre outros dos estados do nordeste.

⁶ GLISSANT, Edouard. *Le discours antillais*. Paris: Gallimard, 1997.

⁷ LÉVI-STRAUSS, Claude. *La pensée sauvage*. Paris, Plon, 1962.

⁸ Realizamos atualmente um projeto de pesquisa, financiado pelo CNPQ, com o objetivo de analisar e editar esse material, junto com os professores xacriabá. Na FALE/UFGM, o grupo de pesquisa *Literaterras: escrita, leitura, traduções*, se reúne em torno desta e de outras experiências tradutórias.

⁹ POVO XACRIABÁ. *Literatura Xacriabá*. Belo Horizonte: FALE-Literaterras/MEC/OEIX, 2005.